

Comunicação Alternativa entre os Indígenas de Dourados/MS: Mobilização Social ou Interferência nas Hierarquias Comunicativas?

Maria Alice Campagnoli Otre¹

Resumo

Trata-se de considerações iniciais acerca de nossa pesquisa de mestrado, ainda não concluída, um estudo de caso em que analisamos a comunicação popular-alternativa desenvolvida por jovens indígenas das aldeias do Jaguapiru e Bororó, ambas da cidade de Dourados/MS. Os jovens, que produzem um jornal bimestral, blog, documentários e fotografias, encontraram na comunicação popular uma alternativa ante à marginalidade com que os índios são tratados na cidade, além de buscarem direito à voz em suas próprias tribos, já que os jovens indígenas e solteiros, não podem opinar nas assembléias.

Considerando que a comunicação tradicional indígena é transmitida dos mais velhos ao mais jovens, procuramos por meio de pesquisa bibliográfica, entrevistas semi-estruturadas e análise de conteúdo do Jornal AJIndo entender qual a função da comunicação alternativa desenvolvida pelos jovens indígenas, num processo em que sua ação interfere nas práticas comunicativas tradicionalmente hierarquizadas pelos indígenas e ressemantiza as culturas e tradições dessas comunidades.

Palavras-chave: Comunicação Alternativa; Indígenas; Mobilização Social; Dourados; Ressemantização Cultural.

Abstract

This work talks about initial considerations concerning our research of post graduation, still not concluded, a case study where we analyze the communication popular-alternative developed for young aboriginals of the villages of the Jaguapiru and Bororó, both of the city of Dourados/MS. The young, that produces a periodical bimonthly, blog, sets of documents and photographs, had found in the popular communication an alternative for the marginality with that the Indians are dealt in the city, besides searching right to the voice in its proper tribes, because the young aboriginals and bachelors cannot think in the assemblies. Considering that the aboriginal traditional communication is transmitted of oldest to youngest, we search by means of bibliographical research, half-structuralized interviews and analysis of content of the AJIndo Periodical to understand which the function of the alternative communication developed by the young aboriginals, in a process where its action intervenes on the communicative practices with traditional hierarchy by the aboriginals and resignify the cultures and traditions of these communities.

Key-words: Alternative Communication; Aboriginal; Social Mobilization; Dourados; Cultural Resignification.

Resumen

Este estudio ofrece consideraciones primarias sobre la investigación, todavía no concluida, de nuestra maestría, un estudio de caso de la comunicación popular-alternativa desarrollada por jóvenes indígenas de las aldeas de Jaguapiru y Bororó, ubicadas en la ciudad de Dourados/MS. Los jóvenes, que hacen un periódico bimensual, blog, documentarios y fotografías, encontraran en la comunicación popular una alternativa que hace frente a la marginalidad con que son tratados en la ciudad, además de buscaren el derecho de opinar en sus propias tribus, ya que los jóvenes solteros no pueden discutir en las asambleas. Si sabemos que la comunicación tradicional indígena es transmitida de los más viejos a los más jóvenes, buscamos por medio de la investigación bibliográfica, entrevistas semi-estructuradas y análisis de contenido del periódico AJIndo, entender cual es la función de la comunicación alternativa desarrollada por los jóvenes indígenas en un proceso en que, su acción interfiere en las prácticas comunicativas tradicionalmente jerarquizadas por los indígenas y resignifica las culturas y tradiciones de esas comunidades.

Palabras-llave: Comunicación Alternativa; Indígenas; Movilización Social; Dourados; Resignificación Cultural.

Introdução

A necessidade sentida por alunos e pesquisadores de comunicação de se retomar as discussões sobre a função social dos meios de

comunicação está trazendo à tona, no começo do século XXI, os anseios por transformação social e busca da cidadania e, com eles, a temática da comunicação popular.

Como reação ao contexto de repressão, censura e autoritarismo que tomava conta de toda a América Latina nos anos 1960, 1970 e 1980, eclodem no continente, experiências práticas e teorias de comunicação popular, relacionadas às necessidades de expressão das classes subalternas e dos marginalizados. Referindo-se à Comunicação Popular desta fase da história, Cicilia M. K. Peruzzo (1995, p.37) constata que a mesma:

é portadora de um conteúdo crítico da realidade e reivindica a construção de uma sociedade mais justa. Como produto de uma situação concreta, seu conteúdo nos últimos anos é essencialmente composto por denúncias sobre as condições reais de vida, críticas às estruturas de poder geradoras das desigualdades, convite à participação e organização, reivindicações de acesso a bens de consumo coletivo etc.

Enfocados na função social dos meios de comunicação popular, debruçamo-nos sobre uma realidade pouco estudada no Brasil: a comunicação alternativa inserida em aldeias indígenas. Esta parece romper com a forma tradicional de comunicação indígena e merece atenção no que tange ao impacto dessa nova realidade relacionada com a cultura e tradição dos índios.

No cenário de Dourados/MS, que comporta a segunda maior aldeia indígena urbana do país, cerca de 11 mil índios de duas etnias, Terena e Guarani (Guarani-Ñandeva e Guarani-Kaiowá), dividem 3,6 hectares de terra.

Envoltos em estruturas complexas que envolvem violência, desnutrição infantil, suicídios juvenis, disputas por liderança, brigas étnicas, discriminação e abandono por parte do governo e da sociedade, os indígenas só têm espaço na grande mídia quando acontece algum fato negativo. Notícias que valorizem sua cultura ou os projetos desenvolvidos junto à comunidade, dificilmente são publicadas. Sem voz na grande mídia de Dourados e região, jovens indígenas desenvolveram iniciativas de comunicação, que envolvem um jornal alternativo bimestral – que vem sendo o principal foco de nosso estudo –, e um *blog*, realizados pela AJI (Ação de Jovens Indígenas), com o apoio de oficinas oferecidas pela GAPK (Grupo de Apoio aos Povos Kaiowá)¹, documentários e fotografias. Da escolha das pautas e redação dos textos aos critérios de seleção e diagramação, no caso do jornal AJIndo, tudo é formulado pelos indígenas.

Diante dessa realidade, questionamo-nos quanto à função da comunicação alternativa desenvolvida pelos jovens indígenas, num processo em que sua ação interfere nas práticas comunicativas tradicionalmente hierarquizadas pelos indígenas e ressemantiza as culturas e tradições dessas comunidades.

No primeiro tópico, tem-se a descrição metodológica que vem sendo empregada na pesquisa.

¹ O Grupo de Apoio aos Povos Kaiowá é uma ONG que atua na cidade de Dourados, ligada ao Labi-Nime (Laboratório de Estudos do Imaginário / Núcleo Interdisciplinar do Imaginário e Memória) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. A GAPK oferece oficinas para a AJI (Ação de Jovens Indígenas) e a partir dessas oficinas os indígenas desenvolvem os meios de comunicação alternativa (jornal e *blog*) e produzem vídeos e fotografias.

No segundo, objetivando um reconhecimento, mesmo que superficial devido às limitações de um artigo, buscamos contextualizar a Reserva de Dourados apresentando dois de seus problemas, o suicídio juvenil e o elevado índice de mortalidade por desnutrição infantil. No terceiro tópico, tem-se a apresentação da AJI e do Jornal AJIndo (Ação de Jovens Indígenas de Dourados).

1. Metodologia

Assim posto, adiantamos que a pesquisa foi dividida em duas etapas. Num primeiro momento buscamos desenvolver e delimitar, através da pesquisa bibliográfica, os conceitos que versam sobre a comunicação popular-alternativa e comunitária na América Latina e no Brasil, conceitos de participação, comunidade e comunidade indígena.

STUMPF (2005, p. 51) assim define esse tipo de pesquisa.

Num sentido restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico.

Para a segunda etapa, estamos desenvolvendo um estudo de caso na cidade de Dourados/MS,

buscando entender a comunicação alternativa juvenil dos indígenas das Aldeias Jaguapiru e Bororó.

Devido à complexidade que envolve a questão indígena, a manutenção de suas tradições e a interferência dos não-índios em sua cultura, buscamos com o estudo de caso descrever a organização social das etnias Aruak (Terena) e Guarani (Guarani-Kaiowá e Guarani-Ñandeva), apresentar a relação destes com a sociedade urbana de Dourados e compreender o porquê da utilização de formas de comunicação popular-alternativa não-tradicionais dos indígenas - como o jornal, fotografias, vídeo e internet - por essa população claramente marginalizada.

Desenvolvendo a estratégia do estudo de caso, para a coleta de dados realizaremos entrevistas semi-estruturadas a) com os jovens da AJI (Ação de Jovens Indígenas) responsáveis pela produção dos meios de comunicação; b) com os voluntários da GAPK (Grupo de Apoio aos Povos Kaiowá) - ONG responsável pela elaboração das oficinas de redação, fotografia, vídeo e site, dando sustentação à iniciativa dos jovens indígenas -; e c) com lideranças indígenas que não estão entre os membros da AJI.

Além das entrevistas semi-estruturadas, também realizaremos uma análise de conteúdo do Jornal AJIndo (Ação de Jovens Indígenas de Dourados), na tentativa de verificar quais as posturas políticas, ideológicas e sociais que estão presentes neste material.

A análise de conteúdo (AC), segundo BARDIN (1977, p. 42), define-se como

Um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção / recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Método predominantemente quantitativo, surge como uma reação às análises subjetivas dos textos, que eram feitas antigamente. “A atitude interpretativa continua em parte a existir na análise de conteúdo, mas é sustida por processos técnicos de validação”, ressalta BARDIN (1977, p.14).

De uma maneira geral, a autora (1977, p.29) destaca que o método corresponde a dois objetivos: a) a ultrapassagem da incerteza, que busca descobrir se a minha leitura de um texto pode ser generalizável; e b) o enriquecimento da leitura, a partir do momento que se pode compreender de maneira mais aprofundada o que o emissor daquela mensagem buscava passar no momento em que a codificou. Importante para a evolução do método no campo social foi o fato de que deixou a ênfase excessiva nos números e abriu possibilidades de inferências (deduções de maneira lógica) a partir de mecanismos subjacentes. Para explicar melhor os procedimentos da análise e o conceito de inferência, a autora faz a analogia do analista com um arqueólogo, que trabalha com vestígios. A partir dos vestígios, tal como um detetive,

o analista trabalha com *índices* cuidadosamente postos em evidência por procedimentos complexos.

Se a *descrição* (a enumeração das características do texto, resumida após tratamento) é a primeira etapa necessária e se a *interpretação* (a significação concedida a essas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário, que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma à outra (BARDIN, 1977, p.39).

Para a organização de uma análise de conteúdo, Bardin (1977, p. 95) apresenta três fases cronológicas delimitadas:

1) Pré-análise: consiste na fase de organização do trabalho, em que se deve escolher os documentos que serão submetidos à análise, formular hipóteses e objetivos e elaborar indicadores que fundamentam a interpretação final;

2) Exploração do material: consiste na análise propriamente dita. Se a pré-análise for realizada de maneira cuidadosa e convenientemente concluída, esta fase representa a administração sistemática das decisões tomadas anteriormente, envolvendo operações de codificação em função das regras previamente formuladas;

3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos e a partir deles, o analista pode interpretar, propondo inferências.

Dentro da discussão proposta pela autora, destaca-se que a abordagem que daremos na análise de

conteúdo é quanti e qualitativa, pelo fato de a “inferência - sempre que é realizada – ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem, etc), e não sobre a frequência da sua aparição, em cada comunicação individual” (BARDIN, 1977, p.116).

Dessa forma, teremos como *corpus* para a análise, as edições produzidas pela AJI (Ação de Jovens Indígenas), que até então resultam em sete exemplares do jornal, buscando a partir das temáticas verificar quais as posturas políticas, ideológicas e sociais que estão presentes neste material, no intuito de responder nosso problema de pesquisa.

No momento, estamos na fase de exploração do material.

Para a realização da análise de conteúdo, trabalharemos com categorias, na tentativa de isolar os temas tratados. “As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos” (BARDIN, 1977, p.117). Definimos as seguintes categorias para a realização da AC dos jornais da AJI:

Tema

- a) Escolas
- b) Desnutrição
- c) Lazer juvenil
- d) Discriminação
- e) Grande Mídia
- f) Eventos que contribuem para a mobilização indígena

- g) Problemas internos da aldeia
- h) Atividades promovidas pela AJI

Abordagem

- a) Valorização da cultura indígena
- b) Preconceito contra indígenas
- c) Críticas à grande mídia
- d) Críticas aos não-indígenas e sua organização social
- e) Pontos positivos em relação aos não-indígenas

Atores

- a) Indígena
- b) Não-indígena

Ilustração

- a) Desenho
- b) Foto

Formatos

- a) Notícia
- b) Nota
- c) Poesia
- d) Quadrinhos
- e) Charge
- f) Editorial
- g) Crônica

Acreditamos que desse modo estaremos atingindo a condição de exclusão mútua entre as categorias, sua homogeneidade, pertinência, objetividade, fidelidade e produtividade, qualidades

que a autora destaca para uma boa formulação de categorias.

2. Contextualização social

Deter-nos-emos a princípio, a reconhecer algumas peculiaridades da Reserva de Dourados (RD), que é composta pelas Aldeias do Jaguapiru e Bororó.

Os índios Terena ocupam basicamente a aldeia do Jaguapiru, mais desenvolvida sócio-economicamente devido à maior facilidade que seus moradores têm de arrumar emprego, por investirem mais em educação e por terem se adaptado melhor à sociedade urbana. A aldeia Bororó, que comporta os Guarani, vive em situação de extrema pobreza e marginalidade. Além dos problemas de exclusão sofridos pelos indígenas com relação aos douradenses, as tribos se rivalizam entre si pela liderança da terra, causando uma situação complexa e desgastante de confrontos internos e externos.

2.1. Suicídios

Um relatório do Conselho Indígena Missionário (Cimi) ilustra a partir de seus dados, a gravidade do problema na RD. Quanto aos suicídios, de acordo com o documento (CONSELHO, 2005, p. 137-140), os maiores índices apontados estão no Mato Grosso do Sul. No ano de 2003, quando se iniciam as análises, foram registrados entre os indígenas de todo o país 24 suicídios, sendo 22 deles no MS e sete na cidade de

Dourados. Dentre os sete, todas as vítimas eram da etnia Guarani-Kaiowá e seis mortes foram registradas na aldeia Bororó, apenas uma, entre as sete, na Jaguapiru.

No ano de 2004, foi registrada uma queda no número de suicídios: 18 casos em todo o Brasil. O que chama a atenção, porém, é que todos os casos ocorreram no Mato Grosso do Sul, cinco, em Dourados. Todas as vítimas eram da etnia Guarani-Kaiowá. (CONSELHO, 2005, p. 140-141).

Já em 2005, houve novamente um aumento no número de suicídios: 31 no país todo, sendo 28 no Mato Grosso do Sul e sete em Dourados (CONSELHO, 2005, p. 141-145).

Enfatizando que todos os suicídios foram registrados entre os Guarani-Kaiowá, diversos estudos vêm sendo desenvolvidos com o objetivo de explicar esse aspecto ao mesmo tempo desolador e intrigante, que parece fazer parte da cultura desse povo. A utilização do álcool e entorpecentes inseridos entre os indígenas, principalmente devido à proximidade com a cidade (cerca de oito quilômetros da aldeia), é uma das explicações.

Dentre os pesquisadores que buscam as causas para as mortes está Maria de Lourdes Beldi de Alcântara, que veio à RD primeiramente com o objetivo de estudar o suicídio juvenil. “A maneira como realizavam, assim como a idade dos jovens que o cometiam, eram e são assustadores. Sabia que minha permanência na RD necessitava ser longa e que, por

meio da confiança, eu poderia entender o que estava acontecendo” (ALCÂNTARA, 2007a, p. 42).

Durante suas pesquisas, que resultaram num dos livros estudados², a pesquisadora entra em contato com diversos fatores que de certa forma estimulavam os suicídios na RD. Todos, porém, resultavam da não-existência de lugares de pertencimento por parte dos jovens indígenas: eles não se encontram dentro de sua própria comunidade. “Os jovens indígenas têm uma intensa circulação entre a Reserva e a cidade. Marcados, por um lado, pela discriminação dos não-índios e, por outro, por uma convivência intensa com a cidade, esses jovens negociam, o tempo todo, suas identidades” (ALCÂNTARA, 2007a, p. 72-73).

O fato de que em muitos casos de suicídio os jovens estavam bêbados, levou a Maria de Lourdes Beldi de Alcântara a tentar entender o porquê da grande ingestão de bebida alcoólica pelos jovens. Relatando diálogos com os indígenas ela nos mostra que ao consumirem o álcool eles se sentem num outro mundo onde não sentem dor.

O “não sentir dor” está associado à tristeza, estado que descrevem como doentio, já que está associada ao feitiço. Isso, na maioria das vezes, pode levar ao suicídio. Esse tipo de doença é esquecido a partir do momento em que bebem – “não tenho medo e passo a enfrentar qualquer um”.

² ALCÂNTARA, Maria de Lourdes Beldi de. **Jovens indígenas e lugares de pertencimento**: análise dos jovens indígenas da Reserva de Dourados/MS. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Laboratório de Estudos do Imaginário, 2007.

O estado de embriaguez, segundo o relato dos jovens, faz com que se perca a consciência. Com isso o corpo é abandonado, deixando-os expostos à entrada de qualquer espírito; nesse caso, ao *anã*, espírito do mal, assumindo, assim, outra identidade que, ao mesmo tempo em que é temida, é desejada, porque o transforma em uma pessoa diferente – “sem dor e corajosa”. Em muitos casos de suicídios, os jovens estavam bêbados. Segundo eles: “é necessário beber para que tenhamos coragem de nos matar” (ALCÂNTARA, 2007a, p.87-88).

Não bastassem os suicídios, que mantêm relação muito próxima com o uso de álcool, a violência nas aldeias também é motivo de preocupação. São verificadas mortes entre os indígenas com várias justificativas (roubo de dinheiro, da bicicleta etc), agressões físicas sem motivo, brigas entre jovens devido a fofocas entre outros.

As drogas também foram percebidas pela autora como grande parte do problema relacionado à violência. Uma indígena chamada apenas de Claudete, pela pesquisadora, dá seu depoimento, em que afirma que “as drogas são um grande problema vivido pela comunidade indígena”. Ela ilustra a afirmação, relatando o caso de um jovem usuário de drogas, cuja irmã procurou ajuda na casa de Claudete:

Uns dias atrás, a irmã dele veio até minha casa e disse que já não estava agüentando mais aquela situação. Seu irmão havia se drogado muito e ficou totalmente descontrolado, agressivo; começou a chutar tudo, não

escutava ninguém pois estava muito dopado. Ele pegou a bicicleta dela, começou a chutar e a jogar no chão. Ela trouxe a bicicleta até a bicicletaria de meu pai para consertar e disse que, uma hora ou outra, ele vai acabar machucando alguém e que teme por seus filhos, pois tem um bebê e uma menina pequena. Nem seus pais têm controle sobre ele (*apud* ALCÂNTARA, 2007a, 89).

Relatos como esses se tornam cada vez mais comuns na aldeia, sendo incorporados como parte de seu dia-a-dia. Recentemente (julho de 2007), seis membros da AJI participaram de um livro de fotografia organizado por Maria de Lourdes Beldi de Alcântara, contando com o apoio da IWGIA (International Work Group of Indigenous Affairs³), do LABI (Laboratório de Estudos do Imaginário) e NIME (Núcleo Interdisciplinar do Imaginário e Memória) da USP e Ministério da Cultura. Na publicação os indígenas foram convidados, a partir de uma oficina oferecida pelo fotógrafo italiano Andréa Ruggeri, a apresentarem a aldeia segundo seus pontos de vista. Sob o título “Nossos olhares”, entre paisagens, caracterização do povo, de seus saberes, das casas da aldeia, festas e trabalhos lá realizados, deparamo-nos com a presença já banalizada do álcool e das drogas entre os indígenas.

Ernesto Raulio Gonçalves, 18 anos, Kaiowá, explica a escolha das fotos, apresentando-as da seguinte forma:

³ Grupo Internacional de Trabalhos sobre Assuntos Indígenas

Olhar de formiga. Eu faço assim. Sabe por que eu quero tirar fotos assim, com olhar de formiga? Porque quero ser uma pequena pessoa para dar um passeio pela terra inteira.

Também gosto de tirar umas fotos de modelo, porque gosto de ver as meninas na moda. Gosto de tirar fotos das meninas mais lindas do palco, por isso tirei fotos de modelo e das minhas amigas, da minha irmã e da revista, porque tinha uma foto de moda. Também por isso tirei dos bêbados, pois é importante para mim. Lá na aldeia os homens não param de tomar pinga. Das moradias, tirei fotos porque quero escrever um texto para o jornal da AJI e mostrar que algumas pessoas ganharam casa e outras não ganharam casa.

Tirei fotos minhas, mesmo, porque também queria sair nas fotos (*apud* ALCÂNTARA, 2007b, p. 20, grifo nosso).

Os suicídios são freqüentes entre os mais jovens que, não sendo casados, não têm espaço dentro da comunidade indígena, não têm direito de opinar nas reuniões e não se sentem pertencentes àquela comunidade.

É certo que a presença de álcool e drogas na RD é favorecida pela curta distância que separa as aldeias da cidade (cerca de oito quilômetros), porém existem processos que facilitam a entrada desses produtos na reserva.

Em entrevistas realizadas por uma das jovens da AJI, relatada por ALCÂNTARA (2007a, p. 88), as drogas (geralmente maconha misturada com pasta de cocaína) vêm da cidade ou são deixadas na fronteira da Reserva. A partir daí, os jovens indígenas tornam-se

‘mulas’, responsáveis pelo repasse. A fiscalização por falta de policiamento é outro problema para a RD. “A venda e consumo de álcool e drogas estão presentes na Aldeia Bororó (MS), como foi relatado em 2004. Não há posto policial no local e a PM alega falta de estrutura para implantação” (CONSELHO, 2005, p. 147).

Além de relacionar-se com os casos de suicídio, o consumo desses produtos têm sido impulso para o aumento da violência doméstica nas aldeias, atingindo principalmente mulheres e crianças. Faz-se necessário portanto, maior controle e fiscalização com relação à banalização e consumo desses produtos na Reserva.

2.2. Desnutrição infantil

Se a violência, os suicídios, drogas e alcoolismo afetam principalmente jovens e adultos na Reserva de Dourados (embora indiretamente atinja a toda a sociedade), a desnutrição é o grande vilão das crianças. Além de ser um dos fatos que garante maior repercussão na mídia, as mortes por desnutrição revelam que os problemas das aldeias não são referentes apenas à suposta perda da tradição indígena (como no caso dos suicídios e uso de drogas), mas também aos problemas estruturais que assolam a Jaguapiru e Bororó.

Como aparece nos outros índices, os maiores casos de desnutrição infantil também se dão na Bororó, atingindo principalmente os Kaiowá.

Os dados do Conselho Indígena Missionário de 2003-2005 são alarmantes. No ano de 2003 foram registradas 93 mortes por desnutrição de crianças indígenas com menos de cinco anos de idade. Neste mesmo período, 2085 crianças apresentavam o quadro de desnutrição. Em 2004, 62 morreram por desnutrição no Mato Grosso do Sul. Com relação àquelas que somente apresentavam o quadro de desnutrição (portanto não entram nos dados de mortes por desnutrição), porém, neste ano o Cimi só registrou os dados de Minas Gerais, Mato Grosso e Alagoas. Em 2005 foram detectados 31 casos de morte por desnutrição no MS e mais de 659 vítimas de desnutrição (até julho) e mais comunidades de 24 municípios (CONSELHO, 2005, p. 168-175).

Ano	Mortes por desnutrição / MS	Apresentam o quadro de desnutrição / MS
2003	93	2085
2004	62	Sem registro ⁴
2005 ⁵	31	659 mais comunidades de 24 municípios

Fonte: (CONSELHO, 2005, p. 168-175)

O estado de mendicância em que vivem principalmente os Kaiowá, da aldeia Bororó, está relacionado à falta de terra para as plantações, falta de equipamentos para o plantio e colheita, falta de água

⁴ Neste ano o Cimi só registrou os dados de Minas Gerais, Mato Grosso e Alagoas

⁵ Os dados levantados correspondem até o mês de julho de 2005.

potável e abundante tanto para consumo quanto para a agricultura, desemprego, entre tantos outros problemas.

Diante disso, os indígenas colocam-se numa posição de quase total dependência dos órgãos responsáveis por eles (como Funai e Funasa) e do governo em todas as suas instâncias: municipal, estadual e federal.

Confirma essa dependência o fato de necessitarem de cestas básicas oferecidas pelo governo estadual para sobreviverem. No começo de 2007, devido à mudança do governo e suspensão temporária das cestas, inúmeros casos de mortalidade por desnutrição voltaram a ser registrados. Isso podemos verificar num texto de 07 de fevereiro de 2007:

Uma frente de sindicatos e entidades de defesa dos direitos humanos, reunidas na Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS), e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) regional Oeste 1, denunciam a grave situação por que passam os povos indígenas no Mato Grosso do Sul depois da decisão do governador André Puccineli de suspender a distribuição de 11 mil cestas básicas através do programa de Segurança Alimentar.
[...]

O corte de cestas básicas atingiu mais de 8 mil famílias Kaiowá Guarani provocando desespero e revolta em dezenas de comunidades do estado, já que nos últimos anos este povo tem enfrentado gravíssimo quadro de mortandade infantil por desnutrição – segundo dados do Cimi, somente em 2005, 31

crianças morreram por desnutrição no MS (CENTRAL, 2007, p. 1).

Além da falta de comida e de água potável, adequada para o consumo e para ser empregada na agricultura de subsistência dos indígenas, o relatório aponta outros fatores que gravam diretamente a qualidade da alimentação das crianças. “Outro caso aflitivo para os Guarani do Mato Grosso do Sul, especialmente da Aldeia Bororo, é a proximidade do lixão de Dourados, onde adultos e crianças indígenas vão à procura de alimentos” (CONSELHO, 2005, p. 146).

Em visita à capital do MS, Campo Grande, em 31 de julho de 2007, o presidente Luis Inácio Lula da Silva (*apud* CORRÊA, jul/2007, p.1) afirmou “que as crianças indígenas das etnias Guaranis e caiuás ‘pararam de morrer’ de desnutrição porque ele montou um ‘pelotão de choque com ministérios’ para ações nas aldeias. Ainda de acordo com o jornalista, Lula cobrou que a imprensa “dê [essa] notícia”, fazendo referência ao fato de que a mídia em 2004 fez sérias denúncias com relação às mortes por desnutrição e que o governo desde então está atuando, porém, ninguém noticia.

No dia 03 de agosto, logo após a visita do presidente, o mesmo jornalista, da Agência Folha em Campo Grande, Hudson Corrêa, noticiou a morte de Francieli Souza, dois anos. Segundo ele, a Fundação Nacional de Saúde (Funasa) informou que as principais causas da morte foram pneumonia e insuficiência renal. “Segundo o órgão do governo federal, responsável pelo atendimento médico à população indígena, a

desnutrição também aparece no atestado de óbito, mas como causa secundária” (CORRÊA, ago/2007, p. 1).

A disputa por audiência entre governo e imprensa não consegue, entretanto, encobrir a problemática. Embora os números tenham reduzido, e qualquer melhora seja positiva, os índices de morte por desnutrição ainda são altos.

Segundo a Funasa (*apud* CORRÊA, ago/2007, p. 1) “o índice de mortalidade infantil nas aldeias de Dourados caiu de 71 por mil nascidos vivos, em novembro de 2004, para 24 por mil nascidos vivos em 2006 --queda de 66%, 16 pontos percentuais menor do que a divulgada por Lula. Nas demais aldeias Guaranis e caiuás, no sul do Estado, o índice chega a 66,7 por mil nascidos vivos”.

3. A AJI e o AJIndo (Ação de Jovens Indígenas de Dourados)

Convivendo nesse espaço conflituoso e sem direito a se manifestar, os jovens, alguns deles universitários, munidos de conhecimento e ideais, desenvolveram o AJIndo (Ação de Jovens Indígenas de Dourados), jornal alternativo produzido bimestralmente pelos jovens da AJI, das pautas e redação à diagramação e distribuição.

Os objetivos desse veículo de comunicação, conforme ressalta a antropóloga. Maria de Lourdes Beldi de Alcântara⁶ são os de mostrar para a própria

⁶ Em entrevista concedida à autora no dia 02 de março de 2007, na cidade de Dourados/ MS.

aldeia que os jovens existem e merecem ser ouvidos e mostrar à comunidade externa suas reivindicações.

Um texto publicado no *blog* explicita os objetivos da AJI e dos meios de comunicação produzidos por eles.

A AJI têm como objetivo fazer com que exista mais união entre os jovens das etnias terena, kaiowá e guarani visando a sua integração com a comunidade e formação política- social. Nós da AJI produzimos nosso jornal, o jornal Ajindo que é um canal de comunicação e informação elaborado pelos jovens indígenas de Dourados, com a finalidade de esclarecer a comunidade indígena e a sociedade Douradense sobre acontecimentos (fatos) atuais da Reserva Indígena de Dourados. Com a nossa união conseguimos interagir mais com nossa comunidade. A AJI está fazendo com que os jovens apareçam mais, cresçam mais, ou seja, participem mais (AÇÃO, 2006, p.1).

A AJI foi criada como desdobramento da pesquisa da referida antropóloga, em 1999, após constatação de que os jovens que não eram casados não tinham local de pertencimento dentro de suas comunidades. Para José da Silva⁷, Guarani-Ñandeva, 24 anos, o papel do não-índio nesse processo foi apenas de apoio, pois a formação da AJI surge da necessidade sentida e discutida pelos próprios jovens indígenas. “O jornal que realizamos na AJI juntamente com os vídeos

⁷ Nome fictício atribuído a um indígena por motivos de segurança. Os dados foram colhidos em entrevista concedida à autora no dia 02 de março de 2007, na cidade de Dourados/ MS.

e fotografias que produzimos são uma oportunidade muito rica porque é uma forma de colocar o que pensamos, reivindicar direitos e chamar a atenção das pessoas”. O indígena ressalta que na grande mídia de Dourados, nunca tiveram oportunidade de reivindicação ou demonstração de atitudes positivas.

Vale ressaltar que entre os índios Guarani, por exemplo, a discussão dos temas referentes aos problemas indígenas se dá no Aty Guasu, grande Assembléia Indígena retomada nas aldeias de Dourados há cerca de quatro anos, que reúne líderes de diversas regiões do país e até mesmo internacionais.

No sistema tradicional de comunicação indígena, os mais velhos das tribos sempre foram respeitados por sua sabedoria e por serem fontes de ensinamento. A inserção de meios de comunicação de cultura ocidental na realidade indígena, como o jornal impresso e o *blog*, garantem acesso à participação no processo comunicativo apenas aos que sabem ler e entendem o português, os jovens. Vale ressaltar ainda, a respeito da tradição indígena, que por serem historicamente e culturalmente ágrafos, suas formas comunicativas se baseiam na expressão oral e na língua nativa.

O fato de esses novos meios garantirem poder de emissão de informações aos jovens, assim como a recepção direta dos conteúdos, apresenta uma alteração no sistema tradicional indígena - que dá supremacia comunicativa aos mais velhos - já que a inserção de novos canais de comunicação não passa por eles. Devido às novas formas de comunicar

alternativamente, são os mais jovens os responsáveis pela ressemantização das temáticas discutidas na comunidade, da cultura e da tradição, como define a Profa. Dra. Maria de Lourdes B. Alcântara.

Essa questão é atualmente a maior responsável pela divisão entre os indígenas que a princípio rejeitaram a tomada do saber pelos jovens e esse espaço que estava sendo criado por eles, como forma de pertencimento.

Para diminuir esse problema, assim como atingir mais receptores, nas reuniões que acontecem na aldeia os jovens levam os jornais e lêem para os que não têm acesso. Muitas vezes essa leitura é feita em guarani para facilitar a compreensão dos mais velhos. José afirma que a partir da mobilização da AJI e do desenvolvimento de atividades como jornal, vídeo e fotografias, os jovens indígenas criaram um espaço social dentro da aldeia e atualmente são consultados nas discussões e considerados formadores de opinião.

Quando nos questionamos a respeito da função social dessa comunicação alternativa, acreditamos que por meio da produção de jornal alternativo, *blog*, vídeos e fotografias, jovens indígenas de Dourados, tradicionalmente excluídos das discussões e tomadas de decisões em suas comunidades, encontraram uma forma de mobilização social que lhes garantiu, embora com muita resistência dos indígenas tradicionais, maior aceitação dentro da própria tribo, além de a criação de canais que lhes deram voz para apresentarem suas críticas à sociedade.

Nosso principal objetivo é o de verificar o impacto da utilização de meios de comunicação nas aldeias do Jaquapirú e Bororó, levando em conta interferências nas formas tradicionais de hierarquia e comunicação dentre os indígenas e a função social da comunicação popular-alternativa e comunitária como agente de mobilização e transformação social. Além disso, buscamos ainda verificar o processo de mobilização dos jovens indígenas das aldeias do Jaguapiru e Bororó por meio dessas alternativas comunicacionais; averiguar os objetivos da criação de um espaço identitário de pertencimento para os jovens; analisar os meios de comunicação alternativa utilizados entre os jovens indígenas, buscando entender como se dá a participação no que tange à produção e envolvimento comunitário com a comunicação; verificar quais as diferenças que se colocam na prática comunitária do não-índio e do índio; levantar as razões que motivaram a utilização desses instrumentos de comunicação (jornal, *site*, vídeos e fotografias) e quais objetivos se pretende atingir sua utilização; avaliar como se dá a participação dos jovens indígenas nessas formas alternativas de comunicação; entender como se dá o processo de ressemantização; averiguar o posicionamento de líderes indígenas sobre a inclusão de novas formas de comunicação (jornal e *blog*, vídeos e fotografias) em comunidades indígenas; e analisar quais são as contribuições desempenhadas por estas novas formas de comunicação para os jovens das aldeias.

Espera-se a partir deste estudo, contribuir para a produção teórica sobre comunicação entre os indígenas e, ainda, apontar as contribuições da comunicação comunitária dentro desse contexto social.

Considerações finais

Participar da realidade dos indígenas é ainda uma experiência nova. Soma-se a esse fato, as particularidades da RD que a fazem motivo de estudo em todo o país. Nessa pesquisa, em desenvolvimento, tentamos acompanhar, ainda com muita cautela, a dinâmica cultural e comunicativa que divide agora espaço com um jornal, um *blog*, câmeras fotográficas e filmadoras.

O que percebemos até então por meio deste estudo, é que a cultura indígena, assim como a dos não-índios, está em constante transformação e incorpora frequentemente especificidades de outras culturas que de certa forma lhe podem ser úteis. No caso estudado, fazer uso dos meios alternativos de comunicação está relacionado à dinâmica dos movimentos sociais de minorias que buscam seu espaço na sociedade. Acreditamos que esses meios vêm para cumprir funções sociais já detectadas em outras realidades que enfrentam problemas parecidos, como nas periferias de grandes centros urbanos, que convivem com altos índices de violência, desnutrição, uso de drogas etc. Entre essas funções estariam a) formação crítico-educativa, b) desenvolvimento da auto-estima e cidadania e c) mobilização para a transformação social.

Se será assimilada pelos anciãos e líderes indígenas essa nova realidade, em que os jovens têm poder enunciativo, ainda não podemos afirmar. Talvez seja esse o grande desafio dos jovens indígenas de Dourados: negociar o espaço *in between*⁸ tentando se apropriar de outros elementos culturais que não signifiquem uma ruptura na tradição comunicativa vivida por seus povos. Consciente, mobilizados e atuantes, eles demonstram estar no caminho certo.

⁸ Estar na passagem ou estar “no entre”, conforme afirma ALCÂNTARA (2007a, p.102).

Referências Bibliográficas

AÇÃO DE JOVENS INDÍGENAS. **About me**. Dourados/MS, 2006. Disponível em: <http://ajindo.blogspot.com/>. Acesso em 10 de março de 2007.

ALCÂNTARA, Maria de Lourdes Beldi de. **Jovens indígenas e lugares de pertencimento: análise dos jovens indígenas da Reserva de Dourados/MS**. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Laboratório de Estudos do Imaginário, 2007a.

_____. (org.). **Nossos olhares**. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Núcleo Interdisciplinar do Imaginário e Memória. Laboratório de Estudos do Imaginário, 2007b.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Portugal, Lisboa: edições 70, 1977.

CENTRAL DE MOVIMENTOS SOCIAIS DO MATO GROSSO DO SUL. **Corte de cestas básicas gera fome no Mato Grosso do Sul: 8 mil famílias afetadas**. Conselho Indígena Missionário, 07/Fev/2007. Disponível em <http://www.cimi.org.br/?system=news&action=read&id=2366&eid=245>.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **A violência contra os povos indígenas no Brasil: relatório 2003-2005**. Brasília/DF, 2005. Disponível em <http://www.cimi.org.br/?system=news&eid=383>. Acesso em 03 de agosto de 2007.

CORRÊA, Hudson. **Lula diz que crianças indígenas pararam de morrer de desnutrição em MS**. Folha de S. Paulo, 31/jul/2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u316659.shtml>.

CORRÊA, Hudson. **Desnutrição foi causa secundária da morte de criança indígena, diz Funasa**. Folha de S. Paulo, 03/ago/2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u317280.shtml>

GIRALDELLI, Silze Nara. **Aspectos psicossociais do suicídio praticado pelos índios Guarani/Kaiowá na Reserva Indígena de Dourados**. Monografia em Psicologia – Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran), 2004.

PERUZZO, Cicilia M. K. **Comunicação popular em seus aspectos teóricos**. In: **Comunicação e culturas populares**. São Paulo: Intercom, 1995.

_____. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária**. Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa “Comunicação para a Cidadania”, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília-DF, Intercom-UnB, 6 a 9 de setembro de 2006.

STUMPF, Ida R. C. **Pesquisa bibliográfica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 51-61

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3 ed. São Paulo: Bookman, 2005.

ⁱ Mestranda em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo, é graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade de Marília (Unimar). Endereço eletrônico: maliceotre@yahoo.es